

RELAÇÕES ENTRE FORÇAS CENTRÍPETAS E CENTRÍFUGAS EM DISCURSOS FUNDADORES

LUCIANO LEITE CAITANO^{1,2*}, CINTHIA ISADORA SCHMIT FRANK³, ANA
BEATRIZ FERREIRA DIAS^{2,4}

1 Introdução

Neste trabalho, que se situa no campo dos estudos linguísticos, buscamos compreender elementos referentes ao encontro entre dois grupos de agricultores que marcaram história do campesinato na região Sul do Brasil: de um lado, o grupo de colonos imigrantes alemães e, do outro, o lavrador nacional. Interessa-nos problematizar, a partir de análise de discursos, o encontro entre tais grupos no que se refere ao contexto do processo de colonização de Serro Azul (RS) — antigo território que compreende a atual cidade de Cerro Largo (RS) e arredores, localizado na Região Noroeste do Rio Grande do Sul, no início do século XX. Buscamos trazer essa reflexão em torno da cultura a partir da análise de enunciados do livro *Reminiscências* (2002), de autoria do imigrante germânico Pe. Max Von Lassberg, tradicionalmente considerado o “fundador” da cidade de Cerro Largo.

Neste início de texto, vale dizer que tomamos esse livro como um tipo de diário, no qual o autor faz uso da palavra para narrar acontecimentos sobre sua vida, bem como situações em assentamento e territórios do Rio Grande do Sul. Ao assumirmos o entendimento da palavra enquanto signo ideológico, compreendemos que o livro *Reminiscências* (2002) é preñado de sentidos e valorações referente ao contexto social e histórico no qual se encontra. Dessa forma, propomos dar visibilidade aos luso-brasileiros, também conhecidos, segundo Zarth (2009, p. 223), como “caboclo, mestiço que descende de portugueses, povos indígenas e/ou africanos”. Segundo Zarth (2009), essa população desenvolvia uma agricultura em sistema de roças com o cultivo de alimento, principalmente, na Região Sul, a produção da erva mate, como também a

1 Licenciado no Curso de Letras – Português e Espanhol, na Universidade Federal da Fronteira Sul - *Campus* Cerro Largo (RS), leitecaitanoluciano@gmail.com.

2 Grupo de Pesquisa: Língua(gem), discurso e subjetividade.

3 Graduanda no Curso de Letras - Português e Espanhol, na Universidade Federal da Fronteira Sul - *Campus* Cerro Largo (RS) cinthiaffrank@gmail.com.

4 Doutora em Linguística, professora adjunta de Língua Portuguesa e Linguística, Universidade Federal da Fronteira Sul - *Campus* Cerro Largo (RS), ana.dias@uffs.edu.br.

prestação de serviços gerais, contribuindo, significativamente, para a sociedade e economia da região.

Como subsídio teórico-metodológico, nos servimos de estudos do Círculo de Bakhtin, que compreende a língua na sua dimensão concreta e ideologicamente preenchida. Nessa perspectiva, Bakhtin (2015, p. 39) aponta para a existência de forças históricas que criam a vida da linguagem e formam o mundo *verboideológico* de determinados grupos sociais, as forças centrípetas, buscando a “unificação e centralização do mundo *verboideológico*”. Entretanto, ao compreendermos a língua como um efetivo heterodiscurso, uma heteroglossia, povoada por diversas vozes de diferentes grupos sociais, Bakhtin (2015, p. 41) também propõe a existência das forças centrífugas, os “processos de *descentralização e separação*”.

Diante do que foi apresentado, tomando o livro *Reminiscências* (2002), de autoria do Pe. Max Von Lassberg, como objeto de análise, este estudo procura responder o seguinte questionamento: É possível escutar vozes de forças centrípetas e centrífugas no encontro entre luso-brasileiros e colonos alemães ocorrido na colônia de Serro Azul (RS)?

2 Objetivos

Com base em estudos do Círculo de Bakhtin, analisamos elementos relativos ao contato entre luso-brasileiros e colonos alemães construídos discursivamente em enunciados que compõem o livro *Reminiscências* (2002), de autoria do Pe. Max Von Lassberg, na antiga localidade da colônia de Serro Azul (Rio Grande do Sul).

3 Metodologia

Este trabalho segue uma abordagem qualitativa, através da análise de excertos que integram o livro *Reminiscências* (2002), escrito pelo Pe. Max Von Lassberg. Recorremos à metodologia do cotejamento entre textos, sugerido por Geraldi (2012).

Em um primeiro momento, realizamos a leitura e a seleção dos trechos relativos ao objetivo desta investigação: o encontro entre caboclos e colonos alemães na localidade de Serro Azul. Depois, como caminho teórico-metodológico, seguimos a orientação de Geraldi (2012), que propõe a metodologia do cotejamento entre textos como melhor forma de desvendar os sentidos de um enunciado e de tecer uma compreensão profunda. Nas palavras do autor, cotejar com outros textos é compreender a sua “cadeia infinita de enunciados a que o texto responde,

a que se contrapõe, com quem concorda, com quem polemiza, que vozes estão aí sem que se explicitem porque houve esquecimento da origem” (Geraldi, 2012, p. 33).

Por último, utilizamos os conceitos-chave desta investigação: as forças centrípetas e as forças centrífugas, preconizadas por Bakhtin (2015).

4 Resultados e Discussão

Para esta análise, selecionamos um dos excertos que ilustra a concepção dominante à época sobre a agricultura brasileira. No enunciado, vemos a valorização da força de trabalho de colonos germânicos em detrimento da mão de obra/trabalho dos lavradores nacionais. Posto isso, partimos para a análise do enunciado em questão. Por conta da longa extensão do trecho, o subdividimos em três partes: (A), (B) e (C).

Excerto 01: (A) Há anos pernoitei na cabana de um caboclo no campo. Nas redondezas, haviam-se fixado algumas famílias alemãs. (B) O homem levou a conversa para eles e, admirado e meio aborrecido, falou mais ou menos assim: “Afinal, o que há com esses alemães? Trabalham a mesma terra que nós. Nós nos judiamos e não conseguimos avançar. Mal se passaram dois anos desde que chegaram e já têm milho, feijão e muitas coisas mais, não só para o próprio uso como também para vender!” (C) Facilmente ele próprio poderia ter dado a resposta. O segredo está na nossa energia de trabalho. E ela se compõe de dois elementos: 1º Corpos sadios e músculos fortes. Neste particular, entretanto, outras nações nos igualam e os bois nos ganham de longe. 2º Uma sadia energia e empenho espiritual. A cabeça, a inteligência ditam o plano, a abrangência e o objetivo de trabalho. (Lassberg, 2002, p. 98, grifos nossos).

Iniciando pelo segmento (A), observamos que, através da locução adverbial de lugar “na cabana de um caboclo no campo” e do substantivo “alemães”, o locutor faz questão de diferenciar os sujeitos pela etnia, como também pelo lugar de pertença. Essa construção discursiva parece deixar como pressuposto a orientação social dos sujeitos (Volochinov, 2013), diferenciando-os pela pertença a grupos sociais opostos. Além disso, a menção do caboclo no singular e dos alemães no plural e coletivo, sugere uma predominância do grupo humano germânico, que junto do adjunto adverbial de lugar “nas redondezas”, aponta para um acercamento ao redor deste caboclo e, conseqüentemente, um apagamento.

Adiante, no item (B), vemos a transposição de um discurso alheio indireto, marcado pelos sinais de pontuação de aspas, onde o locutor reproduz uma fala do interlocutor caboclo. Seguindo as orientações de Ponzio (2008), entendemos que todo discurso alheio indireto é manipulado e, encontrando-se no plano semântico, é também um *ideologema*. Nesse sentido,

vemos que o locutor reproduz a palavra alheia distanciando-se e opondo-se a ela. No discurso reproduzido, percebemos uma comparação entre luso-brasileiros e alemães construída através dos pronomes “esses” e “nós”. Essa oposição parece apoiar-se no modo de trabalho com a terra/agricultura. A partir da conjunção adversativa “e”, notamos que os caboclos são qualificados de forma pejorativa, de modo que não desenvolvessem serviços agrícolas significativos e, portanto, incapazes de avançar e desenvolver a agricultura.

Entretanto, os caboclos desempenhavam um modo outro de lidar com a terra e de fazer agricultura. Conforme Zarth (2009), os caboclos se dedicavam a uma agricultura em sistema de roças em áreas florestais, voltada à subsistência, como típicos camponeses, contrapondo-se à ideologia dominante capitalista que estava em voga na época.

Continuando no ponto (C), observamos que o locutor constrói uma relação sócio-hierárquica a partir da ideia de “força de trabalho”, onde os alemães, caracterizados com substantivos e adjetivos de tonalidades afetivas apreciativas (Martins, 2000), parecem se sobrepor aos demais, como os únicos detentores dessa suposta energia de trabalho. Assim, escutamos vozes de forças centrípetas que apontam para a preservação de modos culturais agrícolas da cultura germânica, uma aculturação, em detrimento da população cabocla, caracterizada apenas de forma depreciativa no texto. Em conformidade com Burke (2000), entende-se por aculturação, como o movimento de incorporação de elementos da cultura dominante sobre a subordinação de outra receptora.

Ao mesmo tempo que a força centrípeta tenta se opor à heterodiscursividade cultural, buscando impor um discurso unívoco, também podemos escutar vozes de forças centrífugas, enquanto um modo outro de desenvolver a agricultura, opondo-se à palavra dominante. Os caboclos, enquanto movimento dos processos de descentralização, mantinham um modo particular de viver e de se relacionar com a terra, enxergando na mata uma oportunidade de sobreviverem como camponeses.

5 Conclusão

Ao considerarmos o todo dos enunciados, que dialogam diretamente com o contexto social, cultural e histórico no qual se encontram, observamos uma construção sócio-hierárquica entre os grupos humanos sustentando-se, principalmente, na ideia de força de trabalho. Nessa divisão, os alemães, retratados de forma apreciativa no texto, são justapostos aos caboclos,

assumindo uma posição superior a eles. Nessa composição, ouvimos o embate dialógico de forças centrípetas e forças centrífugas. Enquanto uma atua em favor da imposição de uma cultura dominante, em um movimento de aculturação, a outra, em direção contrária, desenvolve-se para manter viva uma forma outra de vida e de praticar a agricultura.

Referências Bibliográficas

BAKHTIN, Mikhail. **Teoria do romance I: A estilística**. 1ª edição. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2015.

BURKE, Peter. **Variedades de História Cultural**. Tradução de Alda Porto. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

GERALDI, João Wanderley. Heterocientificidade nos estudos linguísticos. In: GEGE. **Palavras e contrapalavras: enfrentando questões de metodologia**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2012.

LASSBERG, Von Max. **Reminiscências**. Tradução e apresentação de Arthur Blasio Rambo. Porto Alegre: Editora Unisinos, 2002.

MARTINS, Nilce Sant'Anna. **Introdução à Estilística: a expressividade na língua portuguesa**. 3. ed. rev. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.

PONZIO, Augusto. A Manipulação da Palavra Alheia: Sobre as Formas do Discurso Reproduzido. In: Ponzio, Augusto. **A revolução bakhtiniana: o pensamento de Bakhtin e a ideologia contemporânea**. São Paulo: Contexto, 2008, p. 101-108.

ZARTH, Paulo A. Colonos imigrantes e lavradores nacionais no Sul do Brasil: projetos de ocupação da terra em conflito. In: MOTTA, Márcia; ZARTH, Paulo (orgs.). **Formas de resistência camponesa: visibilidade e diversidade de conflitos ao longo da história**, vol. 2: concepções de justiça e resistência nas repúblicas do passado (1930-1960). São Paulo: Editora UNESP; Brasília, DF: Ministério do Desenvolvimento Agrário, NEAD, 2009. p. 223-242. Disponível em: <https://nmspp.net.br/arquivos/para_leitura/historia_social_do_campesinato/Formas%20de%20resistencia%20camponesa%20-%20visibilidade%20e%20diversidade%20de%20conflitos%20ao%20longo%20da%20historia%20-%20Concepcoes%20de%20justica%20e%20resistencia%20nas%20republicas%20do%20passado%201930-1960%20-%20vol%202.pdf>. Acesso em: 05 jul. 2026.

Palavras-chave: Colonos; Luso-brasileiros; Forças Centrípetas; Forças Centrífugas.

Nº de Registro no sistema Prisma: PES-2025-0135

Financiamento

